

CEDI

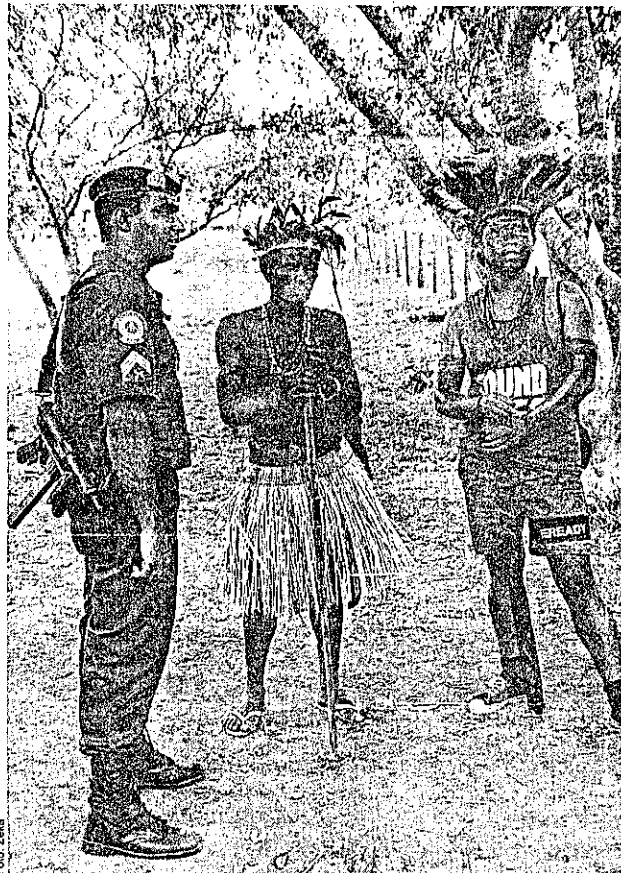
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tarde Class.: Pataxó Hã-hã-hã

Data: 14/12/93 Pg.: 482

**Pataxós ainda
enfrentam a
falta de água
e alimentos**

Várias semanas depois de invadirem três fazendas na região de Pau Brasil, os índios Pataxós Han Han Hãe ainda convivem com os mesmos problemas ocasionados pela estiagem: a falta de água e de alimentos. A solução emergencial para a questão, patrocinada pela prefeitura local, Funai e Cimi, permanece no plano das intenções. A entrega de 20 mil litros de água pela prefeitura esbarra na exigência da Embasa de só liberar o líquido mediante pagamento antecipado, conforme o representante da Cimi, Antônio Eduardo Oliveira. Quanto aos alimentos, a Funai comprou na semana passada CR\$500 mil em gêneros diversos, mas a quantidade é considerada insuficiente para atender a toda a comunidade indígena. Em decorrência disso, ainda existe muita tensão na área e tanto a Polícia Federal quanto a Polícia Militar mantêm homens armados de prontidão, para evitar confrontos entre índios e proprietários, bem como a possibilidade de serem feitos novos reféns pelos Pataxós Han Han Hãe. Hoje, dois representantes indígenas terão uma audiência com o ministro da Justiça, Maurício Corrêa (Pág. 3).



Os índios se queixam da ação da Polícia Militar na área

190
49

5



Foto: Zeka

Na cidade de Pau Brasil o clima ainda é de tensão e medo, deixando todos intranqüilos.

Pataxós ainda enfrentam falta de água e gêneros

Pau Brasil e Itabuna (Da Sucursal Sul da Bahia) — Além da prolongada estiagem que deixou os Pataxós Han Han Hãe sem água e sem alimentos, o que resultou na invasão de três fazendas no início deste mês, os índios ainda enfrentam problemas cuja superação vem sendo tentada através de negociações entre Funai, prefeitura, sindicato rural, Cimi e outras entidades. As prioridades maiores são a falta de água, que seria resolvida pela prefeitura de Pau Brasil, que se comprometeu a fornecer 20 mil litros de água por dia, durante um mês e a doação de alimentos pela Funai.

Na questão de alimentos, por exemplo, a Funai comprou na semana passada CR\$500 mil, através de Lucio Flávio Coelho, que permanece na área agilizando ações junto à Justiça Federal em Ilhéus e junto à PF, que mantém na área Catarina Paraguaçu uma equipe de cinco homens fortemente armados. Também a PM mantém um contingente em Pau Brasil e que faz patrulhamento na estrada de Itaju do Colônia e nas três fazendas invadidas pelos índios e

que foram retomadas. Embora o ponto crucial da questão seja o abastecimento de água, o Cimi vê problemas na entrega de 20 mil litros por dia para os índios através da prefeitura, pois existem informações de que a Embasa só liberaria o produto através do pagamento. A informação é do representante do Cimi, Antônio Eduardo Oliveira, que vê com preocupação o atendimento deste item fundamental.

Ele também considerou positiva a visita dos deputados Jacques Wagner e Alcides Modesto, do PT, à fazenda Catarina Paraguaçu — São Lucas —, onde tiveram uma demorada reunião com os Pataxós Han Han Hãe. Para hoje, em Brasília, os deputados confirmaram uma audiência com o ministro da Justiça, a ser acompanhada por dois índios Pataxós.

Os Deputados também se comprometeram a conseguir uma audiência com o governador Antônio Carlos Magalhães para analisar a questão dos índios e vão tentar também no STM verificar com o ministro Francisco Rezek, o andamento do processo da Funai e que reivindica 36 mil hectares

para os índios. Os petistas também vão à Fundação de Saúde cuidar de assuntos ligados à assistência médica à comunidade.

A situação na área é considerada sob controle pela Polícia Militar, mas a comunidade ainda considera insuficientes os alimentos fornecidos pela Funai, que atendem parcialmente às necessidades.

A questão com os Pataxós vem se desenrolando há 12 anos, quando ocorreu a reocupação da fazenda São Lucas, de Genner Pereira Rocha, e hoje reserva Catarina Paraguaçu. A ocupação da área resultou numa série de conflitos e incidentes que tornaram a área um foco permanente de tensão. Como a Funai pleiteou uma área muito extensa no passado, quando os preços do cacau estavam em alta, os fazendeiros chegaram a reunir US\$1 milhão para a ação judicial e um esforço de mobilização, que, além de ineficiente, foi mal coordenado. Na época, um oficial aposentado da Aeronáutica recebeu uma quantia em dinheiro para solucionar a questão, que permanece a mesma e sem perspectivas de solução.

VIDE VERSO

Pau Brasil vive clima tenso

Kleber Torres

Pau Brasil (Da Sucursal Sul da Bahia) — Pau Brasil continua sendo um barril de pólvora prestes a explodir, a qualquer momento, graças a uma novela violenta, que se arrasta há 12 anos, após a retomada da Fazenda São Lucas, hoje reserva Paraguaçu, ocupada por 1,6 mil índios Pataxós Há-Há-Háe os índios enfrentam problemas crônicos de falta d'água, de alimentos, carência de assistência médica e de apoio da Funai, que até agora tem se mostrado ineficiente e omissa no cumprimento da sua finalidade.

Segundo um relatório do Conselho Indigenista Missionário, neste período, além do clima de tensão permanente, já foram registrados na área 11 assassinatos, sete pessoas foram baleadas, 45 casos de espancamento, 11 tentativas de homicídio, 40 mortes por falta de assistência médica e até um incêndio criminoso. Na área também já ocorreram centenas de casos de cólera, uma epidemia controlada e, como há cinco meses não chove na região, começa a faltar água para a população, um ingrediente adicional para complicar esta crise crônica e sem solução.

Na Justiça; os índios pleiteiam, através da Funai, uma área de 36 mil hectares, que abrange os municípios de Itaju, Pau Brasil, Caaca e parte de Canavieiras e Santa Luzia. Isso, em contrapartida poderia gerar problemas para centenas de produtores da área, que temem perder suas terras e tem sido causa de aumento do clima de tensão permanente que se instalou e que explode de forma cíclica em atos de violência.

OCUPAÇÃO

Nos últimos dias, centenas de índios ocuparam as fazendas Bom Jesus; de Aristides Franco Couto, de 147 hectares a São Sebastião, de Josino Pinto Correia, com 303 hectares e a Paraíso; de Marcos Vinícius Gaspar Guimarães, de 402 hectares, fazendo 59 reféns entre homens, mulheres e crianças.



Miguel Arcanjo Rocha Filho

Os índios também fecharam a estrada que liga Pau Brasil a Itaju de Colonia, um bolsão de percuária, criando barreiras em quatro pontos. A soltura dos reféns e desobstrução das estradas decorreram de negociação que envolveu a Prefeitura de Pau Brasil, Polícia Militar e Polícia Federal, até que chegasse ao sul da Bahia uma representante da direção da Funai.

Como a chegada do vice-presidente da Funai, Lúcio Flávio Coelho, demorou, a PM, cumprindo ordens da Casa Militar do governo, que vinha acompanhando o caso, mobilizou 150 homens para a retirada dos índios, numa operação sem incidentes segundo a versão oficial. Tânia Maria Silveira, do CIMI, discordou da ação, informando que três índios que ofereceram resistência foram agredidos e que uma índia chegou a ser hospitalizada.

Com a desocupação da área, a PM mantém em Pau Brasil um forte contingente, inclusive patrulhas que ficaram para garantir a posse das fazendas aos agricultores. Para tentar negociar uma saída para seus problemas, como falta de água, comida, segurança e acelerar, uma decisão para ocupação efetiva das áreas em litígio, os índios fizeram como reféns o vice-presidente da Funai e um técnico que o acompanhava, na

tarde do dia 8 deste, o que fez aumentar o clima de tensão na área e pode ter desdobramentos imprevisíveis a médio prazo.

ATRAIR ATENÇÃO

O cacique Juraci Santana Pataxó, um dos líderes da ocupação das três áreas, conta que as dificuldades vividas pela sua comunidade chegaram ao limite extremo, "nós só esperamos que a Funai reconheça nosso direito, porque estamos passando necessidade e sede." Ele diz que a ocupação das fazendas com reféns foi pacífica e que eles foram liberados após uma negociação.

Já Wilson Pataxó, o 'Ninho', conta que a ocupação das fazendas obedece a uma lógica, "porque as terras são nossas e queremos fazer valer nossos direitos." Ele também falou das dificuldades vividas pela comunidade na Fazenda São Lucas, "estamos vivendo de promessa há 12 anos e a cada dia a situação piora cada vez mais," enfatizou.

Embora defendendo uma solução negociada para a questão indígena em Pau Brasil, o presidente do Sindicato Rural, Miguel Arcanjo Rocha Filho, vê na estagnação prolongada o detonador desta nova crise, um problema que também afeta aos produtores da área, que têm problemas com o abastecimento de água. "Ele vê na invasão das fazendas uma forma dos pataxós chamarem a atenção das autoridades para seus problemas.

Condenou a ocupação, pela violência como foi executada e a ocorrência de reféns, muitos deles crianças. Miguel Arcanjo disse que um trabalhador rural, Jorge Eduardo Cardoso Pereira, fora baleado quando se dirigia para a fazenda onde trabalhava, "gerando uma situação aflitiva e precedente para um conflito." Como opções, ele defende uma convivência entre índios e agricultores, construção de reservatórios de água na fazenda São Lucas e em termos emergenciais, a doação de alimentos, medicamentos e assistência, uma tarefa do governo e da Funai.